

## **Dispositivo em Infinitos Atos**

**Cena 1. Ontem à noite, Pablo e Édio conversam no Facebook**

**Édio** – É sério que não vais amanhã? Ou faz parte do disparador?

**Pablo** – é verdade!

**Édio** – Putz! E onde acho alguém agora!

**Pablo** – Foi mal... Afe Maria... te deixo todo esse prejuízo? O Pedro Lunarís não vai fazer um tbm?

**Édio** - A ideia eram dois para cada livro! Será que o Pedro vai de certeza?

**Pablo** – ele disse que vai

**Édio** – Se ele furar tbm, fico no vazio dos disparadores! O imprevisto aconteceu hoje? Mas tipo, semana passada não sabias que ia rolar, só soubesse hoje?

## **Cena 2. Pablo divaga**

O imprevisto foi saber que isto que ontem não fazia parte, agora faz tanta parte como todo o resto. Foi um imprevisto que me fez nascer em 1984, no mesmo Dezembro em que acontecia um “Hoje Tem Teatro” em Blumenau, Santa Catarina. O imprevisto fez surgir o NuTE no fluxo dos acontecimentos e forças as quais damos sentido de observadores. O imprevisto fez com que minha vida se misturasse também com um teatro e que este livro me chegasse as mãos.

O imprevisto me colocou aqui hoje, a querer este dispositivo. Um imprevisto fez com que minhas memórias se soltassem dos esquecimentos e retornassem nos espaços entre as palavras do livro e o passado movente.

E o Édio a pensar que ficaria num vazio de disparadores! Isto é imprevisto! Pois, se algo não falta em NuTE Cartografia de um Teatro, são disparadores, caminhos, possibilidades, vontades, potências, tempos, memórias, afetos, pessoas, invenções, brincadeiras... jamais ficará neste vazio!

### **Cena 3. Bar da Vilma, há alguns dias, algumas cervejas:**

Édio – Tenho um convite que pode ser divertido pra ti: lançar um disparador sobre o NuTE.

Pablo – hãh? Tipo o que?

Édio – Algo que diga respeito à afetação do livro em ti. Como ele bate em ti.

### **Cena 4. Pablo viaja em memórias**

- Eu tinha 5 ou 6 anos e a minha vida era um teatro. Mais do que um teatro, era o teatro e o prédio ao qual chamavam teatro. Assistia aos ensaios do grupo de teatro amador de Passo Fundo. Andava por sobre as pontes suspensas da iluminação. Inventava mundos com os adereços e figurinos. Fazia dia e fazia estrelas na mesa de luz. E nos intervalos das cochias, que impunham o limite entre o que é e o que não é, eu assistia a realidade acontecer, enquanto os atores, em apressada correria, se revezavam para dar colo a minha irmã

enquanto minha mãe se fazia atriz no palco e diretora fora dele. Minha vida é um teatro!

- Na hora de dormir ela lê o Sítio do Pica-Pau Amarelo para nós, e era uma loucura - o quarto se transformava num verdadeiro JOTE-Titac incrível – misturávamos personagens, adaptamos as cenas, construiremos cenários, cantaríamos canários... em todos os tempos ao mesmo tempo na memória, esse delírio. Esse “tempo em nós é indivisível. A lembrança em nós é permanente. Somos tudo a todo o tempo, tudo o que experimentamos está, agora nesse instante, fazendo barulho” página 46.

- Agora eu tenho 12 ou 15 anos e o meu teatro se profissionalizou. Compartilhava com a mãe e com o grupo, as viagens aos festivais, em especial ao de Blumenau, o divertimento fervilhante, os experimentos, a tudo aquilo que era a verdadeira vida... e o estranho sempre foi deixar o escuro das coxias e encontrar algo que não era a real, era a rua, os carros, a escola. Minha vida foi um teatro.

- Terei 18 ou 23, e o meu teatro foi o asfalto comido pelo ônibus palco que Viramundos inventa pluriversos. Minha vida não era mais o prédio do teatro, pelo contrário, se espalhou no sistema

circulatório das rodovias e fora nômade... e não mais minha vida, mas todo o mundo se tornou um teatro.

E meu pai, em sua exatidão de engenheiro, pergunta: onde isso vai dar?

Nesse tempo, meu pai, eu já escrevia este texto em mim, desde o primeiro encontro brincante com o monstro do camarim! E agora, usando o Édio com total liberdade, cartógrafo os relevos de nossas experiências teatrais sem ter a ilusão de que isto se manterá assim no presente que é daqui a pouco.

### **Cena 5. Amanhã. Sala 300i fazendo chimarrão:**

**Pablo** – Grande Édios, acho que ninguém entendeu nada daquilo que eu li ontem.

**Édio** – Mas Porque, Pablitos?

**Pablo** – Sei lá, cara. Todo mundo estava me olhando estranho. Fiquei nervoso. E pra te dizer a verdade, nem sei se eu entendi direito. Acho que faltou dizer um montão de coisas. Faltou falar de como eu admiro a forma como você consegue me fazer

vidrar nas escrituras dos teus livros (que são de uma legião), seja o Jardim ou seja o NuTE. E além disso a experiência de brincar com os aperitivos cênicos, acessar os links e conteúdos do DVD, me divertir na comunidade do Orkut, tudo isso enquanto leio o livro e me surpreendo com essa rede maluca que tudo isso vai tecendo com a minha memória, atravessando meu corpo... é louco bicho, teu livro é um acontecimento, tem a força que para mim sempre tiveram os encontros. É um Encontro Imprevisto.

**Édio** – haha, Valeu Pablitos! Você poderia ter dito isto ontem haha!

**Pablo** – Pois é, tô ligado! Quem sabe terei uma outra oportunidade, um novo encontro!!! Quer um mate?